

# LEGADO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEMÁTICA DA REVISTA GESTÃO E NEGÓCIO

## LEGACY OF MEGA SPORTING EVENTS IN BRAZIL AND SPAIN: ANALYSIS OF THE THEMATIC PRODUCTION OF THE MANAGEMENT AND BUSINESS MAGAZINE

Rodrigo Paiva<sup>1,2</sup>Lúcia Maria Machado Bógus<sup>2</sup>Ary José Rocco Júnior<sup>3</sup>Roberta Luksevicius Rica<sup>4</sup><sup>1</sup>Faculdade de Educação Física de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo Brasil<sup>2</sup>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil<sup>3</sup>Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil<sup>4</sup>Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil

### RESUMO

O esporte é um complexo fenômeno global e a partir da realização dos Jogos Olímpicos de Barcelona a organização de megaeventos esportivos tem se apresentado às cidades-sede como forma de dinamizar a economia, revitalizar os equipamentos urbanos e posicionar a cidade na vitrine mundial de negócios. A associação entre a realização de megaeventos esportivos a legados muitas vezes exagerados ou falaciosos tem chamado atenção na literatura específica, que é vasta sobre o assunto e denuncia a importância de acompanhamento sistemático e, principalmente, em longo prazo do que se pretende chamar de legado. Estudos prévios e continuamente após a cidade sediar os eventos parecem se apresentar como uma lacuna permanente no âmbito dos megaeventos. No Brasil, especificamente, uma das mais respeitadas organizações que aglutina pesquisadores e gestores do esporte é a Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABRAGESP). Entre as atribuições da ABRAGESP está a organização da Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE). O objetivo desse estudo foi analisar se, e em que medida, a RGNE foi palco de pesquisas relacionadas ao legado de megaeventos esportivos no Brasil. Estudo bibliográfico de caráter exploratório analisou toda a produção acadêmica da RGNE entre os anos de 2016 e 2021. Com base nos dados verificou-se que 7 (7,95%) artigos dos 88 publicados na RGNE estabeleciam alguma relação com o legado dos megaeventos esportivos no Brasil. Os resultados demonstraram que em anos, volumes e números diferentes, mas constantes, a RGNE abriu espaço para debates relativos ao legado dos megaeventos esportivos.

**Palavras-chave:** Megaeventos esportivos. Legado. Gestão do esporte.

### ABSTRACT

Sport is a complex global phenomenon and since the Barcelona Olympic Games the organization of mega sporting events has been presented to the host cities as a way to boost the economy, revitalize urban equipment and position the city in the world business showcase. The association between the realization of mega sporting events and often exaggerated or fallacious legacies has drawn attention in the specific literature, which is vast on the subject and denounces the importance of systematic and, mainly, long-term monitoring of what is intended to be called legacy. Previous studies and continuously after the city hosts the events seem to present themselves as a permanent gap in the scope of mega-events. In Brazil, specifically, one of the most respected organizations that brings together researchers and sports managers is the Brazilian Association of Sports Management (ABRAGESP). Among the attributions of ABRAGESP is the organization of the Journal of Management and Business of Sport (RGNE). The aim of this study was to analyze whether, and to what extent, the RGNE was the scene of research related to the legacy of sports mega-events in Brazil. An exploratory bibliographic study analyzed the entire academic production of RGNE between 2016 and 2021. Based on the data, it was verified that 7 (7.95%) articles of the 88 published in RGNE established some relationship with the legacy of sports mega-events in Brazil. The results showed that in years, volumes and different but constant numbers, RGNE opened space for debates related to the legacy of sports mega-events.

**Keywords:** Sport mega-events. Legacy. Sport management.

## INTRODUÇÃO

Seis décadas separaram a primeira e segunda Copas do Mundo FIFA de Futebol masculino sediadas no Brasil. Entre os anos de 1950 e 2014 o país passou por inúmeras transformações sociais, políticas, econômicas, administrativas e esportivas. No entanto, aparentemente, ao menos uma coisa não mudou durante este intervalo: a paixão do povo brasileiro pelo futebol.

O percurso para a eleição do Brasil como sede do megaevento esportivo da FIFA teve início muito antes do anúncio da organizadora. Em verdade, a candidatura foi oficializada em 2006, mas já fazia parte do plano estratégico de reposicionamento global do país como sede de megaeventos esportivos, encetada em quando da candidatura do país à sede dos jogos Pan-Americanos de 2007.

Parece fundamental destacar que, após a Copa do Mundo FIFA de futebol masculino de 1950 e a realização da quarta edição dos jogos Pan-Americanos, em 1963, na cidade de São Paulo, o Brasil amargou tentativas frustradas de sediar eventos esportivos de porte internacional:

O objetivo do comitê (*olímpico brasileiro*) é público, trazer uma edição da Olimpíada para o Brasil. Em julho, por exemplo, foi lançado um manual para as cidades brasileiras postularem a sede dos Jogos Olímpicos de 2012 - as candidaturas devem ser lançadas em um ano, e a escolha da cidade acontecerá em 2005. Mesmo assim, a vitória de ontem foi surpreendente diante do histórico de fracassos do país em eleições, duas delas olímpicas. Brasília postulou ser sede dos Jogos de 2000, mas desistiu depois de visita de delegados do COI, que ficaram mal impressionados. A última candidatura a naufragar foi a do Rio aos Jogos de 2004. O país também postulou duas Copas, a de 1994 e a de 2006. Outras derrotas foram em mundiais de vôlei, judô, natação e tênis de mesa. Em 2001, Paris, única concorrente, derrotou o Rio e será a sede do Mundial individual de tênis de mesa. No mesmo ano, a cidade perdeu a eleição para sede do Mundial de judô de 2005 - Cairo (Egito) foi a escolhida. Em seguida, nova derrota: Montrèal foi escolhida pela FINA (Federação Internacional de Natação) como sede do Mundial de desportos aquáticos de 2005. No vôlei, o país abrigaria o Mundial feminino. No entanto, após vitória de técnicos da FIVB (Federação Internacional de Vôlei) aos ginásios brasileiros, há dois anos, a competição acabou sendo transferida para a Alemanha, onde será iniciada na sexta. Uma das poucas vitórias obtidas pelo COB veio com a escolha do país para receber o Mundial feminino de basquete de 2006 [inserção e grifo nossos] (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002).

Estava dada a largada para uma sequência de eventos que deixaria os mais crédulos e entusiastas absolutamente surpresos. Em 30 de outubro de 2007 a FIFA anunciara o Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014. Dois anos depois, em 2 de outubro de 2009, era a vez de o Comitê Olímpico Internacional anunciar o Brasil como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. O Brasil sediou, no intervalo de uma década, os jogos Pan-Americanos 2007, os Jogos Militares do Rio 2011, Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo FIFA de Futebol masculino em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos na cidade do Rio de Janeiro em 2016.

Supreendentemente, após seis décadas de fracassos e jejum, o Brasil era a “bola da vez” no âmbito esportivo mundial.

O sistema esportivo global contemporâneo foi, pouco a pouco, se tornando mais complexo e institucionalizado. Por meio de múltiplas modalidades esportivas representadas por confederações, federações, clubes ou instituições que têm por finalidade a competição, a vitória (por vezes, a qualquer custo), a busca constante de mais e mais rendimento, a superação de recordes de produção (coletivos ou individuais) produz-se um paradoxo social. De um lado, em um país como o Brasil, desigualdades sociais estruturais, desemprego em níveis alarmantes, hospitais e escolas sucateados, escândalos de corrupção em todos os subníveis de governo e, de outro, as candidaturas recorrentes do país à sede de megaeventos esportivos de alcance planetário.

De acordo com Cottle (2014), megaeventos, sejam ou não esportivos, são caracterizados pelo forte apelo e comoção popular, pela curta duração, promoção de impactos de larga escala, embora localizados, alta concentração de capital em que os setores público e privado produzem a infraestrutura e os serviços

necessários para sediar o evento com um aumento concomitante na mobilização de uma força de trabalho flexível e altamente explorável. Santin (2009), complementa, considerando-os fenômenos de popularidade que possibilitam a participação direta e indireta de um público grandioso em escala global que podem ser compreendidos como o mecanismo pós-moderno de inigualável potencial de acumulação e expansão do capital, resultantes da ambição econômica e perseguição constante por perpetuar o poder de grandes grupos financeiros.

Como forma de convencer governos e populações sobre os benefícios da realização de megaeventos esportivos, adotam-se os argumentos de que estes criam empregos e geram renda, potencializam, em longo prazo, o turismo e as transformações urbanas, promovendo melhorias significativas em mobilidade, segurança pública, além o desenvolvimento de telecomunicações.

Por óbvio que não se busca aqui, em hipótese alguma, negar que existam chances de que estes eventos possam promover inovações e melhorias reais para as cidades-sede. No entanto, conforme aponta Preuss (2008) e Ribeiro (2008), o montante de recursos públicos empregados para sua realização é altíssimo e os resultados ou legados de longo prazo são pouco avaliados.

A gênese histórica desta associação legitimadora entre a realização de megaeventos esportivos e a ressignificação das cidades remete-nos ao ano de 1992, quando Barcelona sediou os Jogos Olímpicos. A partir da revitalização de áreas portuárias da cidade transformando grandes espaços urbanos, degradados, em equipamentos culturais modernos e dinâmicos, Barcelona inaugurava uma ideia de que tais equipamentos iriam aquecer o mercado imobiliário local, ampliar e diversificar o turismo associado ao chamado “marketing da cidade”. A justificativa para tais revitalizações pautava-se em promover uma imagem positiva da cidade capaz de atrair os fluxos de investimentos do capital financeiro (FERREIRA, 2014).

Criava-se uma receita teoricamente infalível e milagrosa que se difundiu, inicialmente, pela Europa e depois pelo mundo, chamada por Arantes (2002) de hegemonização da arquitetura das cidades, ou, ainda, “pensamento único das cidades” (pág. 8); “arquitetura do espetáculo, com sua sensação de brilho superficial e de prazer participativo transitório, de exibição, de efemeridade e *jouissance* [gozo, prazer]”(p.20) ou “espetáculo urbano” (p.22).

Para além das vantagens efêmeras ou discursivas das cidades-vitrine, desvelavam-se os exorbitantes gastos do orçamento público promovendo lucros concentrados para empresas privadas (COTTLE, 2014). A extrema valorização do mercado imobiliário que parecia inevitável à cidade-global desencadeava, cada vez mais, efeitos colaterais como, por exemplo, o repúdio nacional e internacional da sociedade quando contrapostos os elevados gastos necessários à espetacularização das cidades às demandas reais de investimento em políticas de atendimento aos direitos sociais.

Era necessário legitimar esse modelo de alguma forma. Percebeu-se então que grandes eventos, sobretudo os esportivos, que movem paixões nacionais, tinham a grande “qualidade” de serem popularmente aceitos. A ideia era associar esses eventos às obras de requalificação urbana desejadas. Assim, ao redor de um grande estádio, de um pavilhão de exposições, começaram a ser erguidos centros de negócios. Bairros de alto padrão etc. Operações casadas em que governantes e investidores saíam ganhando, com a vantagem do apoio popular[...] F.I.F.A. e COI perceberam o poder que tinham nas mãos. Governantes passaram a tratá-los como fontes milagrosas de capitais. Quem obtivesse o direito de sediar seus eventos teria uma justificativa de inquestionável popularidade para dispor de rios de dinheiro público em nome da “modernização” da cidade, alavancando negócios milionários para o setor privado[...] Tanto F.I.F.A. quanto o COI souberam transformar espetáculos esportivos em grandes negócios[...] (FERREIRA, 2014, p.9).

Assim, quando da candidatura dos países ou cidades-sede à realização de megaeventos esportivos, mesmo diante das contradições inerentes às condições sociais dos países em desenvolvimento, ou emergentes, passou-se a abusar da possibilidade de criação de consenso e coesão social tendo como pano de fundo legitimador o discurso falacioso do legado do evento. A adoção do termo e das propostas de um “legado” do megaevento não pode ser tida como recente, no entanto, como salienta Girginov (2011), novidade mesmo é a forma pós-moderna de planejamento para certos tipos de legado e, ainda, como estas prospecções que se sobrepõem às disputas esportivas durante o curto período do evento têm ganhado vulto nas últimas edições.

Paiva (2018) alerta para a forma como governos pleiteantes das cidades-sede à realização dos megaeventos esportivos tendem a promover anúncios precipitados sobre as consequências benéfica e, praticamente, naturais da realização de eventos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. O Brasil sediou os dois e desfrutou da mesma tendência exasperada de valorização do legado. Preuss (2008) demonstra que legados são resultados intencionais (ou não), sistematizadas (ou não) de todas as atividades humanas. Neste sentido, a intensidade, a qualidade, amplitude das perdas ou ganhos daquilo que se pretende denominar legado do megaevento esportivo dependerá, invariavelmente, dos compromissos e da conduta daqueles que estiverem diretamente relacionados com a promoção do megaevento.

Autores como Cottle (2014), Paiva (2018) e Preuss (2008) sugerem que há aspectos multidimensional dos legados de megaeventos esportivos, quais sejam, benefícios e impactos socioeconômicos e culturais, infraestrutura urbana e desenvolvimento tecnológico, mudança de comportamento populacional, escolaridade e internacionalização da cultura, até mesmo o reposicionamento global da imagem da cidade-sede. Este último, corroborado por Arantes (2002).

Cientes de que legado não é apenas coisa boa, benefício, muito menos que estas modificações que se anunciam não ocorrerão se não houver compromisso, planejamento, avaliação e monitoramento, resta, ainda, salientar que um dos mais complexos desafios que se interpõem à literatura no campo do legado dos megaeventos esportivos é a ênfase aguda de produções no período próximo ao evento e a pouca continuidade, de maneira crônica, de pesquisas e produções em longo prazo avaliando, acompanhando transformações por períodos maiores (PREUSS, 2008; COTTLE, 2014).

Considerando que a produção do conhecimento sobre megaeventos esportivos, conforme os autores supracitados, é temporalmente delimitada pela proximidade do evento, que os resultados em médio ou longo prazo são pouco avaliados, que as estimativas de benefícios são, frequentemente, exacerbadas ou falaciosas parece que se explicita a urgência de que haja esforços permanentes de universidades, governos ou de pesquisadores interessados na temática. Parece, ainda, que o planejamento, organização, prospecção e monitoramento do(s) legado(s) se apresentam como tarefas para toda a população, mas, mais precisamente, de gestores do esporte. Especialmente, aqueles diretamente envolvidos com o evento.

No Brasil, um dos mais respeitados centros que reúne pesquisadores, gestores e entusiastas do esporte enquanto fenômeno administrativo é a Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABRAGESP). Fundada em 2009, ano em que o Brasil recebeu autorização para sediar os Jogos Olímpicos Rio 2016, atualmente a ABRAGESP conta com associados em todas as regiões do país e parceiros internacionais, tem como missão *“incentivar a produção e estimular a disseminação de conhecimento na área de gestão do esporte”*.

A ABRAGESP, associação técnico-científica sem fins lucrativos, tem como principais atribuições:

- A realização do Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte (CBGE): <https://cbge.org.br> ;
- A co-produção da Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE): <https://revistagestaodoesporte.com.br> ;
- A formulação de parcerias para o apoio de eventos, canais de mídia e cursos que tenham como propósito a disseminação e o desenvolvimento de conhecimento em Gestão do Esporte;
- Outras iniciativas que busquem pela disseminação de conhecimento e o melhor desenvolvimento da Gestão do Esporte no Brasil: concursos e estímulo acadêmico, colaboração com outras associações de mesmo propósito, networking, coworking, dentre outras.

Em sendo a ABRAGESP a principal organização do país amalgamando conhecimento atualizado sobre a gestão do esporte e, ademais, partícipe da produção e disseminação de conhecimento científico sobre gestão do esporte por meio da Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE), interessa-nos identificar a participação da Associação, por meio de sua revista, no debate sobre megaeventos esportivos, especificamente no Brasil, Copa do Mundo FIFA de Futebol masculino 2014 e Jogos Olímpicos Rio 2016.

O objetivo deste estudo foi, portanto, analisar se, e em que medida, a RGNE foi palco frutífero de pesquisas relacionadas ao legado de megaeventos esportivos no Brasil.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo de caráter exploratório bibliográfico analisou toda a produção acadêmica da Revista Gestão e Negócios do Esporte durante o período compreendido entre os anos de 2016 e 2021.

A Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE) é uma publicação da Fundação Instituto de Administração (FIA), com o apoio da Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABRAGESP), voltada para a produção e disseminação do conhecimento relacionado às diferentes e diversas áreas da Gestão do Esporte, considerando ações gerenciais nas diferentes manifestações esportivas (educacional, formação, participação e rendimento), além de temas relacionados com o universo dos Negócios e Administração do Mundo Esportivo em suas diversas atividades.

De acordo com o editorial da, busca promover interesse e debate positivo em todo o ambiente profissional e acadêmico da Gestão e dos Negócios do Esporte, no âmbito das organizações esportivas e instituições que oferecem práticas esportivas, no setor público, bem como no setor privado, nos meios de comunicação, nos três níveis de governo e em outros segmentos ou setores que, de alguma forma, tenham relação com a área.

Com base na proposta do periódico e, principalmente, do coletivo de intelectuais que amálgama, a escolha pareceu coerente em função da interrelação existente entre os conteúdos megaevento e gestão do esporte.

Adotou-se como critério inclusão inicial a busca de palavras-chave no título ou resumo dos artigos. Os descritores selecionados foram: megaeventos, legado, eventos esportivos, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Copa e Olimpíadas.

Durante todo o período foram publicados 6 volumes da RGNE. Do primeiro ao quinto volumes eram publicados os números 1 e 2 da revista. Apenas no sexto volume houve apenas o número 1. A publicação foi interrompida após 2021, V6N1. Cada número da revista continha 8 artigos com temáticas variadas, totalizando 88 artigos publicados.

A tabela a seguir sintetiza a produção do periódico:

**Tabela 1** - Títulos dos artigos publicados entre 2016 e 2021 na Revista Gestão e Negócios do Esporte

---

#### **VOLUME 1, NÚMERO 1, ANO 2016, 8 ARTIGOS**

A cidade olímpica e a tradição em eventos esportivos

A importância da gestão esportiva no desenvolvimento do voleibol brasileiro: estratégias da confederação brasileira de voleibol

Certificação dos clubes formadores de jogadores de futebol: modelo e aplicação no Brasil e em Portugal

Estudo de impacto econômico do turismo da Copa Davis 2015 na região de Florianópolis/SC

Perfil do gestor de instalações esportivas do município de São Paulo

Gestão estratégica da comunicação nos principais clubes de futebol do Brasil: muito marketing, pouca comunicação

Implementação de ações de marketing em um clube de futebol: o caso no Vilhena Esporte Clube

Motivos e resultados da diversificação em microempresas de ensino do surfe do Rio de Janeiro

---

#### **VOLUME 1, NÚMERO 2, ANO 2016, 8 ARTIGOS**

Pensando a sustentabilidade em corridas de aventura

Equilíbrio competitivo no campeonato brasileiro de futebol

Bases para a conceituação da teoria do capital social a partir dos jogos olímpicos

Gestão e políticas públicas: impactos e repercussões da criação da rede Cedes/ME

O futebol brasileiro na bolsa de valores?

Corrida de rua e representação social: análise da campanha publicitária "it's runderful" da Mizuno

O planejamento estratégico de marketing nas confederações brasileiras de basketball, rugby e vela e motor: estudo de caso múltiplo

Marketing social no âmbito esportivo: motivações organizacionais do patrocínio de causa social

---

---

### **VOLUME 2, NÚMERO 1, ANO 2017, 8 ARTIGOS**

Identificação das práticas cocriativas na Danone Copa das Nações 2014

Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A de 2014 e 2015: Como os clássicos, a performance, o dia da semana e as novas arenas afetaram a arrecadação com bilheteria e o comparecimento de público

Megaeventos esportivos no Brasil: O legado sob o ponto de vista dos gestores públicos

Mensuração da motivação dos consumidores esportivos em eventos escolares: Um estudo de caso dos Jogos Escolares de Minas Gerais

Geomarketing Esportivo: Uma análise espacial do mercado de basquetebol no Brasil e na Venezuela

O esporte e a eficácia organizacional: Uma revisão da literatura

Evolução da Comunicação Digital do Jacaré Rugby: Um estudo de caso

Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: Um momento para a sua afirmação no Brasil

---

### **VOLUME 2, NÚMERO 2, ANO 2017, 8 ARTIGOS**

A área de Gestão do Esporte na formação da Educação Física nos cursos de graduação da cidade de Santos

Olho no lance - Uma análise da produção científica sobre futebol em periódicos brasileiros de Administração e Ciências Contábeis

Programas Sócio-Torcedor no Brasil - Análise comparativa entre clubes selecionados e o Volta Redonda Futebol Clube

Políticas públicas de esporte no Brasil e os nexos com os megaeventos esportivos

Communication of corporate social responsibility - An analysis of different brands in the outdoor industry

Relações entre barreiras e estratégias de negociação usadas por corredores amadores

Redes estratégicas, ambiente institucional e desempenho esportivo

Marketing Esportivo e as Redes Sociais - Um estudo com os dez clubes brasileiros de futebol mais bem colocados no Ranking da CBF 2015

---

### **VOLUME 3, NÚMERO 1, ANO 2018, 8 ARTIGOS**

O jogo continua - Uma análise da produção científica sobre futebol em periódicos brasileiros de Administração e Ciências Contábeis

Identificação das instalações esportivas e distribuição espacial das principais entidades competitivas do atletismo brasileiro

Gestão da Federação Cearense das Ginásticas – Um Estudo de Caso baseado no modelo SPLISS

Qualidade dos serviços em um estádio de futebol em dias de jogos - Um Estudo de Caso

A presença da gestão nas diretrizes curriculares para a formação em Educação Física no Brasil

O futebol visto como negócio - Fatores determinantes para a geração de receita de clubes brasileiros

Modelo de Gestão Organizacional - Uma análise na Câmara Técnica de Relações de Consumo do Desporto da Fundação Procon-SP

Captação de recursos nos clubes de terceira divisão do futebol cearense em 2017

---



---

### **VOLUME 3, NÚMERO 2, ANO 2018, 8 ARTIGOS**

- Envolvimento dos consumidores praticantes de corrida de rua na cidade de São Paulo
- A perspectiva dos clientes na construção de um instrumento para avaliar a qualidade dos serviços em Centros de Fitness no Rio de Janeiro
- Expectativas de estudantes universitários sobre a disciplina Economia e Administração Esportiva
- Análise da Gestão de Negócios no Crossfit em Curitiba/PR
- Parcerias em redes - Um Estudo de Caso de uma organização esportiva sem fins lucrativos e uma empresa privada
- O consumo de bens e serviços ligados ao futebol no Rio de Janeiro
- O contrato vitalício de marketing - Notas preliminares de um Estudo de Caso da Nike
- Os direitos televisivos no futebol profissional – uma nova proposta de modelo de centralização para a I Liga Portuguesa
- 

### **VOLUME 4, NÚMERO 1, ANO 2019, 8 ARTIGOS**

- Gestão profissional dos clubes de futebol no Brasil - estudo de caso sobre clubes que não possuem supremacia em seus estados
- Motivação de mulheres para ginástica em academia - aproximações e distanciamentos entre dois grupos distintos
- Gestão do esporte universitário no Brasil e nos EUA
- Desempenho econômico-financeiro e clubes de futebol - uma análise nas agremiações da região sudeste
- Gestão paradesportiva e os jogos rio-2016 na perspectiva de deficientes visuais
- Bicampeão da fé - um estudo das estratégias de comunicação usadas pelo sport club Corinthians paulista na campanha fé alvinegra
- Análise da influência de diferentes sistemas de ranqueamento no tênis - atratividade, competitividade e previsibilidade
- Corporações no futebol: uma análise dos acordos de fornecimento e patrocínios nos clubes de elite da América Latina
- 

### **VOLUME 4, NÚMERO 2, ANO 2019, 8 ARTIGOS**

- Premissas de marketing esportivo - ecossistema, composto de marketing e torcedores
- A fantástica fábrica de xerém: uma análise do retorno financeiro das categorias de base do Fluminense Football Club
- Non-tech innovation applied to sports management - how marketing innovation and new business model elements improved football management in the 21st – essay
- Democratização da gestão e governança corporativa no futebol brasileiro - um estudo de caso sobre o esporte clube Bahia
- Impacto do desempenho esportivo no desempenho financeiro dos principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul
- Influência da condição financeira na composição da delegação do distrito federal nos jogos escolares da juventude 2017
- Recursos das fontes de financiamento do esporte de alto rendimento do Brasil: uma releitura do período 2010-2014
- Torcedores do futuro? As motivações que levam jovens brasileiros a se envolverem como 'torcedores' de clubes de futebol da Europa
-

---

### **VOLUME 5, NÚMERO 1, ANO 2020, 8 ARTIGOS**

Gestão de crises e reputação em clubes de futebol - estudo de caso das redes sociais após invasão à academia do Sporting Clube De Portugal

Girlgamer esports festival - parcerias e patrocínios na era dos esports

Gestão financeira no futebol - um estudo das receitas dos principais clubes do estado do Ceará, Brasil

Esporte 4.0 - bases teóricas da gestão do conhecimento, caminhos e perspectivas

Análise econômico-financeira do clube de regatas do Flamengo entre os períodos de 2013 a 2018

Impactos do grande prêmio de fórmula 1 e do autódromo de interlagos na imagem da cidade de São Paulo

Apointamentos teóricos sobre planejamento de marketing para organizações esportivas

A atenção dada ao esporte e lazer na arena política - um estudo sobre os vinte maiores municípios do estado da Bahia

---

### **VOLUME 5, NÚMERO 2, ANO 2020, 8 ARTIGOS**

A gestão do esporte como componente curricular dos cursos de educação física das universidades federais de Minas Gerais

O que leva o torcedor a ser fiel ao time? Um estudo de caso da Chapecoense

Motivos para a manutenção do relacionamento na ótica do sócio-torcedor de um clube de futebol do Rio Grande do Sul, Brasil

Organizações esportivas: conceitos, (des)entendimentos – proposta de modelo teórico unificado para o Brasil

Gestão em clubes socioesportivos - Perfil de gestores no cenário da Iniciação Esportiva na cidade de Campinas, SP, Brasil

O planejamento estratégico na gestão do futebol brasileiro: um Estudo de Caso sobre o Projeto STK Fluminense Samorín

Legado olímpico em questão - megaeventos na cidade do Rio de Janeiro e as controvérsias em torno dos jogos olímpicos Rio 2016

Comunicação de produtos esportivos: Os casos dos sorteios das fases de grupos da Copa Libertadores 2020 (CONMEBOL) e Liga dos Campeões 2019-2020 (UEFA)

---

### **VOLUME 6, NÚMERO 1, ANO 2021, 8 ARTIGOS**

Quebrando o clube: quando a racionalidade política prevalece no futebol

Perfil, relacionamento com o clube, consumo e satisfação em um jogo de futebol: um olhar para as espectadoras de um clássico regional Fortaleza x Ceará

Egressos do curso de Gestão Desportiva e de Lazer do IFCE: uma análise do perfil e campos de atuação profissional

O efeito da idade relativa em categorias de base do futebol brasileiro: uma análise do valor de mercado e de transferência de jogadores sub-21

10 anos do Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte (2005-2019): aspectos organizacionais e produção científica

Motivos para a prática do treinamento funcional: um estudo comparativo entre academias

Um ensaio sobre os reflexos da Lei Pelé na gestão financeira dos clubes de futebol

Elucidação do conceito de gestão e administração e sua associação com o esporte

---

Fonte: <http://revistagestaodoesporte.com.br/mod/page/view.php?id=77>





Já Rossetto Júnior e Borin (2017), estabelecem relações entre o desenvolvimento dos governos do Partido dos Trabalhadores e as formas e nuances das políticas públicas de esportes no Brasil. Para estes autores, o surgimento do Ministério do Esporte e a realização das conferências nacionais do esporte sinalizavam para um compromisso político com a universalização do acesso democrático ao esporte. No entanto, apontam os autores, a realização de megaeventos esportivos passa a compor a agenda do então governo e o legado prospectado é o posicionamento do Brasil entre os maiores vencedores de medalhas em torneios de caráter eminentemente esportivo. O legado do rendimento.

Durante o ano de 2018 os temas megaeventos esportivos e legado não foram abordados na RGNE. Os Números 1 e 2 do Volume III diversificaram bastante os conteúdos abordados, mas os que se interseccionam com o objetivo deste estudo não foram publicados, conforme Tabela 1.

Já em 2019, no Número 1 do Volume IV, Abreu João; Oliveira Almeida e Dias de Faria (2019) apresentam a percepção de alunos com deficiência visual do Instituto Benjamin Constant sobre o legado esportivo dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Realizando entrevistas semiestruturadas os autores avaliaram cinco categorias: “preferência por modalidades”; “acessibilidade das instalações”; “ambiente de serviços das instalações”; “opinião sobre o patrocínio esportivo” e “lembrança de marcas apoiadoras”. Neste ponto é fundamental destacar que dos 11 entrevistados apenas 1 estabelecia relação com práticas esportivas. Ainda, a amostra foi composta de forma estratificada por conveniência, sem randomização, mas esta vulnerabilidade é apontada pelos autores. Estes aspectos podem ter comprometido os resultados uma vez que os respondentes não praticavam atividades físicas ou esportes.

O trabalho publicado por Virgílio Franceschi Neto e Matheus Oliveira Santos, no Número 1 do Volume V, relacionando a imagem da cidade de São Paulo em decorrência da realização do Grande Prêmio de Fórmula 1 apresenta uma referência ao termo megaevento, mas não se engendra ao legado, portanto não foi considerado neste estudo.

Por fim, no Número 2 do Volume V, Medeiros e Buarque de Holanda (2020), trazem à tona as controvérsias e os discursos relativos ao legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016 para a cidade. Realizando uma pesquisa do tipo *survey* populacional com 24 perguntas abertas e fechadas, os autores entrevistaram 415 pessoas em 2018. Percorreram 90 bairros em todas as zonas do município e concluíram que:

o cidadão carioca avaliou como ligeiramente positiva a ocorrência do torneio no que se refere às vantagens percebidas para sua vida individual e para a cidade. Contudo, a leve vantagem não impediu a identificação de um quadro bastante polarizado, com um percentual expressivo de moradores insatisfeitos, haja vista a desproporção entre o montante de recursos públicos investidos e a ausência de contrapartidas esperadas, simbólicas e materiais, tal como reiterada pela narrativa dos organizadores, nacionais e internacionais, dos Jogos Rio 2016 (MEDEIROS; BUARQUE DE HOLANDA, 2020 p.110)

No último ano de edição da RGNE, 2021, apenas o número 1 do Volume 6 foi publicado. Apesar de ser, atipicamente, ano olímpico, uma vez que os Jogos Olímpicos do Japão 2020 foram adiados em função da ocorrência de uma pandemia mundial de COVID-19 e realizados no ano de 2021, nenhum trabalho relacionado à legado foi publicado no último número.

Reorganizando a nuvem de palavras após a análise apenas dos títulos dos artigos que estabeleceram relações com os temas deste estudo, quais foram, legado dos megaeventos esportivos no Brasil, temos a imagem a seguir:

Foram excluídas as preposições de-da-em-na-das-dos e os artigos o-a-um-uma-uns-umas para a composição da nuvem, uma vez que estes se repetiam inúmeras vezes e tendenciavam a construção da nuvem.



**Figura 2** - Nuvem de palavras elaborada a partir, apenas, dos títulos dos artigos analisados.  
Fonte: elaborado pelos autores com recursos da plataforma <https://wordart.com/create>

## CONSIDERAÇÕES

Após a minuciosa observação de toda a produção da RGNE, tendo como objetivo analisar se, e em que medida, a RGNE foi palco frutífero de pesquisas relacionadas ao legado de megaeventos esportivos no Brasil e com base nos dados apresentados acima, é possível identificar que 7 (7,95%) artigos dos 88 publicados na Revista Gestão e Negócios do Esporte estabeleciam alguma relação com o legado dos megaeventos esportivos no Brasil.

Em anos, volumes e números diferentes, mas constantes, a RGNE abriu espaço para debates relativos ao legado dos megaeventos esportivos. Destaca-se, ainda, que comprometida com o debate amplo e científico de outras temáticas relativas à gestão do esporte, a edição concedeu espaço suficiente e ampla para a temática. Concluímos que a Revista Gestão e Negócios do Esporte foi palco frutífero para a ampliação da divulgação do conhecimento científico sobre legado e megaeventos esportivos e, ainda, que a perpetuidade da revista poderia contribuir, ainda mais, para a disseminação de produções mais recentes sobre outros megaeventos no cenário global.

## REFERÊNCIAS

- ABREU JOÃO, T.F.; OLIVEIRA ALMEIDA, D.M.; DIAS DE FARIA, M.; Gestão Paradesportiva e os Jogos Rio-2016 na Perspectiva de Deficientes Visuais. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, São Paulo - v.4, n.1, p. 64-80, 2020.
- ARANTES, O. Uma estratégia fatal. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes. 2022.
- FOLHA DE SÃO PAULO, Cariocas vencem texanos de San Antonio por 30 a 21, na Cidade do México: Pan-2007 será no Rio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 de agosto de 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2508200202.htm>>. Acesso em: 20 de set. 2022.
- COTTLE, E. (org.). **Copa do Mundo na África do Sul: um legado para quem?** Florianópolis: Insular. 2014.
- FERREIRA, J.S.W. Apresentação – Um teatro milionário. In: LASSANCE, A. et al. **Brasil em jogo. O que fica depois da Copa e Olimpíadas?** São Paulo: Boitempo: Carta Maior. 2014.
- GIRGINOV, V. **Sport Management Cultures** (1st ed.). Routledge. 2011.
- MAOSKI, A.P.C.B; MEZZADRI, F.M. Megaeventos esportivos no Brasil: O legado sob o ponto de vista dos gestores públicos. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, São Paulo - v.2, n.1, p.25-36, 2017.
- MEDEIROS, J.; BUARQUE de HOLANDA, B.B. Legado Olímpico em Questão - Megaeventos na Cidade do Rio de Janeiro e as Controvérsias em Torno dos Jogos Olímpicos Rio 2016 **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, São Paulo - v.5, n.2, p. 110-130, 2020.

PAIVA, R. **Falácias no planejamento do legado esportivo da Copa do Mundo FIFA nas doze cidades-sede no BRASIL**. Tese de doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2018.

PREUSS, H. **Economics of the Olympic Games**. Sydney: Walla Walla Press. 2008.

RIBEIRO, F.T. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: a importância das instalações esportivas. In: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZZUTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte. 2008.

ROSSETTO JUNIOR, A.J.; BORIN, M.E.S. Políticas públicas de esporte no Brasil e os nexos com os megaeventos esportivos. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, São Paulo - v.2, n.2, p. 154-172, 2017.

SANTIN, S. Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios - contradições. **Revista Motrivivência**, Ano XXI, n.32/33, p.332-334, 2009.

SANTOS NETO, S.C.; DaCOSTA, L.P.; MATURANA DOS SANTOS, L.J.; PETERSEN-WAGNER, R.; NOBREGA, L.F. A cidade olímpica e a tradição em eventos esportivos. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, São Paulo - v.1, n.1, p.1-12, 2016.

Faculdade de Educação Física de Sorocaba  
R. da Penha, 680  
Centro  
Sorocaba/SP  
18010-002